

8.01.01 – Teoria e Análise Linguística.

A PROPRIEDADE SEMÂNTICA *RECIPROCIDADE* NOS VERBOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Thaís F. Carvalho Bechir^{1*}, Luana L. Amaral²

1. Pesquisadora da Fac.de Letras da UFMG

2. FALE-UFMG - Orientadora

Resumo:

Os verbos recíprocos (VR) são tratados como uma classe por possuírem uma propriedade semântica – a reciprocidade – que licencia uma composição sintática: a alternância simples-descontínua. Nesta composição, os eventos denotados pelos verbos podem alternar entre as formas simples, em que os participantes da reciprocidade são denotados por um argumento (*João e Maria conversaram*), e descontínua, em que os participantes são denotados por dois argumentos (*João conversou com Maria*).

Objetivamos analisar os verbos recíprocos intransitivos (VRI) e verificar se eles podem ser agrupados em uma só classe no português brasileiro. Intencionamos propor representações semânticas para a(s) classe(s) encontrada(s), valendo-nos da decomposição de predicados.

Propusemos duas estruturas de decomposição de predicados para os VRI analisados, demonstrando que eles pertencem a duas classes distintas. Concluímos que os VR não formam uma classe e que a propriedade de reciprocidade é gramaticalmente irrelevante.

Palavras-chave: português brasileiro; classes verbais; verbos recíprocos.

Introdução:

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa de Interface Sintaxe-Semântica Lexical e, seguindo a proposta de autores como Fillmore (1970), partiremos do princípio de que as propriedades semânticas determinam o comportamento sintático dos verbos. De acordo com esta linha de pesquisa, a partir de propriedades semântico-sintáticas compartilhadas, os verbos podem ser agrupados em classes (LEVIN, 1993; CANÇADO *et al.*, 2013).

Os verbos recíprocos (VR) são tratados como uma classe por possuírem, em seu sentido, a informação semântica de reciprocidade entre dois participantes (CHAFE, 1971; FILLMORE, 1972; ILARI, 1987; RAJAGOPALAN, 1987; CROFT, 1991; DOWTY, 1991; GLEITMAN *et al.*, 1996), que licencia uma construção sintática: a “alternância simples-descontínua” (GODOY, 2008). Segundo Godoy (2008), a reciprocidade é uma propriedade semântica comum aos verbos que são passíveis de alternar sua estrutura sintática entre duas formas: a forma simples, em que os participantes da reciprocidade são denotados por um argumento plural (mesmo que o SN seja morfossintaticamente singular na sentença), e a forma descontínua, em os participantes são denotados por dois argumentos, sendo um deles preposicionado. A reciprocidade relaciona-se ao sentido idiossincrático do verbo, o qual tem impacto em sua sintaxe. Por ser capaz de licenciar uma construção sintática, ela é considerada uma propriedade gramaticalmente relevante. Verbos como *conversar* são caracterizados por possuírem uma reciprocidade lexical. Nesse sentido, eles alternam entre as formas simples (*João e Maria conversaram*) e descontínua (*João conversou com Maria*).

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição do sistema linguístico do PB por meio da análise do comportamento dos VR. Nossos objetivos específicos são: fazer uma análise dos verbos recíprocos intransitivos (VRI) do PB para verificar se eles realmente podem ser

agrupados em uma única classe verbal canônica, e propor representações semânticas para a(s) classe(s) dos VRI encontrada(s), valendo-nos da linguagem de decomposição de predicados primitivos. Esta pesquisa se justifica uma vez que Cançado *et al.* (2013) apresentaram evidências de que os verbos recíprocos transitivos (VRT) não formam uma classe verbal no português brasileiro (PB), por possuírem um comportamento sintático-semântico distinto. Sendo assim, era nossa intenção verificar se os VRI, assim como os VRT analisados por Cançado *et al.* (2013), não constituem uma única classe no PB.

Metodologia:

Os dados apresentados neste trabalho foram coletados por meio de uma pesquisa realizada por Godoy (2008), a partir do Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil, de Borba (1990). A autora listou, dos 5000 verbos de Borba, cerca de 200 VR, dentre os quais foram escolhidos 126 para sua análise. Como nos propusemos a trabalhar apenas com os VRI, foram selecionados, da pesquisa de Godoy (2008), um total de 53 verbos. Destes 53 verbos, foram utilizados, em nossa análise, apenas 31.

Dos 22 verbos que foram eliminados de nossa análise, 7 são verbos sobre os quais não tínhamos intuição, como, por exemplo, *conchavar*, *confabular* e *mancomunar*. Os 15 verbos restantes foram eliminados uma vez que consideramos que eles não são basicamente intransitivos, mas transitivos.

Cançado e Amaral (2010) propõem que os verbos basicamente transitivos que podem sofrer intransitivização são marcados morfologicamente com o clítico *se*. Nesse sentido, segundo sua proposta, os verbos têm uma forma básica e uma forma derivada. Cançado e Amaral (2016) argumentam que, nas línguas românicas, se o clítico *se* aparece marcando a forma intransitiva de uma sentença, isso significa que ela é a forma derivada, e sua contraparte transitiva é a forma básica.

Sendo assim, neste trabalho, consideramos como verbos basicamente intransitivos apenas aqueles que não aceitam, em sua forma intransitiva, o clítico *se*. Verbos como *harmonizar*, *confraternizar* e *entrosar*, por aceitarem o clítico *se* em certas sentenças, foram eliminados de nossa análise: notemos que a sentença *as colegas se entrosaram na*

feira é gramatical.

Conversar, *lutar* e *rimar*, por sua vez, são alguns exemplos de VR basicamente intransitivos que foram tomados como objeto de análise deste trabalho. Esses verbos não aceitam a partícula *se* em sua forma intransitiva, ou seja, sentenças formadas por esses verbos em que é acrescentada a partícula *se* ficam agramaticais, como em **as crianças se conversaram*.

Observamos o comportamento dos 31 VRI com o intuito de verificar se eles compartilhavam as mesmas propriedades sintáticas e semânticas e, para isso, analisamos seu aspecto lexical, sua estrutura argumental e suas possíveis construções sintáticas. Além disso, fizemos uso de alguns testes sintático-semânticos que consideramos relevantes para observar se esses verbos possuem um comportamento similar, os quais envolveram observar se eles aceitam um objeto cognato, tentar formular paráfrases desses verbos, e tentar encontrar sua parte idiossincrática. Os verbos analisados passaram por julgamentos de aceitabilidade feitos, primeiramente, a partir de nossa intuição de falantes do PB. Além disso, para confirmar nossa intuição, realizamos buscas no site Google na tentativa de encontrar ocorrências reais de nossos dados.

Utilizamos como abordagem teórica a decomposição de predicados primitivos. Essa metalinguagem foi utilizada de maneira a representar o sentido lexical dos verbos analisados.

Resultados e Discussão:

Notamos que os VRI se subdividiam entre verbos de aspecto lexical de atividade e de estado e que apenas os primeiros aceitavam um objeto cognato em sua estrutura, sendo este tipo de formação agramatical em relação aos VRI de estado. Identificamos que os VRI de atividade são inergativos e estritamente agentivos, enquanto os VRI de estado são inacusativos e não agentivos.

Reconhecendo que os VRI de atividade e de estado possuem um comportamento sintático-semântico distinto, diferentes representações semânticas foram dadas a eles. Para os verbos VRI de atividade, propusemos a estrutura “v: [X DO <EVENT>]” (AMARAL; CANÇADO, 2015), para os VRI de estado, a estrutura “v: [X HAVE <THING>]”.

Conclusões:

Concluimos que os VR não formam uma classe verbal no PB e que a reciprocidade é gramaticalmente irrelevante. As evidências apresentadas foram as seguintes: os VRT e os VRI possuem diferentes representações semânticas; o teste do acarretamento proposto por Godoy (2008) para separar os verbos lexicalmente recíprocos daqueles cuja reciprocidade é sintática não se mostrou eficiente; a argumentação de que os verbos lexicalmente recíprocos possuem a exigência de um argumento com denotação plural não é válida para todos os VR; a alternância simples-descontínua pode ocorrer com verbos não recíprocos.

Referências bibliográficas

- AMARAL, L., CANÇADO, M. Argument structure of activity verbs in Brazilian Portuguese. *Semantics-Syntax Interface*, v. 2, n. 2, 2015.
- BORBA, F. S. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 1990.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical*: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. *Revista da Abralín*, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados (Vol. I - Verbos de mudança)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CHAFE, W. Directionality and paraphrase. *Language*, v. 47, p. 1-26, 1971.
- CROFT, W. *Syntactic categories and grammatical relations: the cognitive organization of information*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- DOWTY, D. *Thematic proto-roles and argument selection*. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.
- FILLMORE, C. J. Subjects, speakers and roles. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. (Eds.) *Semantics of natural language*. Dordrech: D. Reidel Publishing Company, 1972.
- FILLMORE, C. J. The grammar of hitting and breaking. In: R, JACOBS, & P. ROSENBAUM, *Reading in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, p. 120-133, 1970.
- GLEITMAN, L. *et al.* Similar, and similar concepts. *Cognition*, v. 58, p. 321-376, 1996.
- GODOY, L. *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- ILARI, R. Dos problemas de imperfeita simetria. *Cadernos de estudos lingüísticos*, v. 13, p. 49-65, 1987.
- LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.